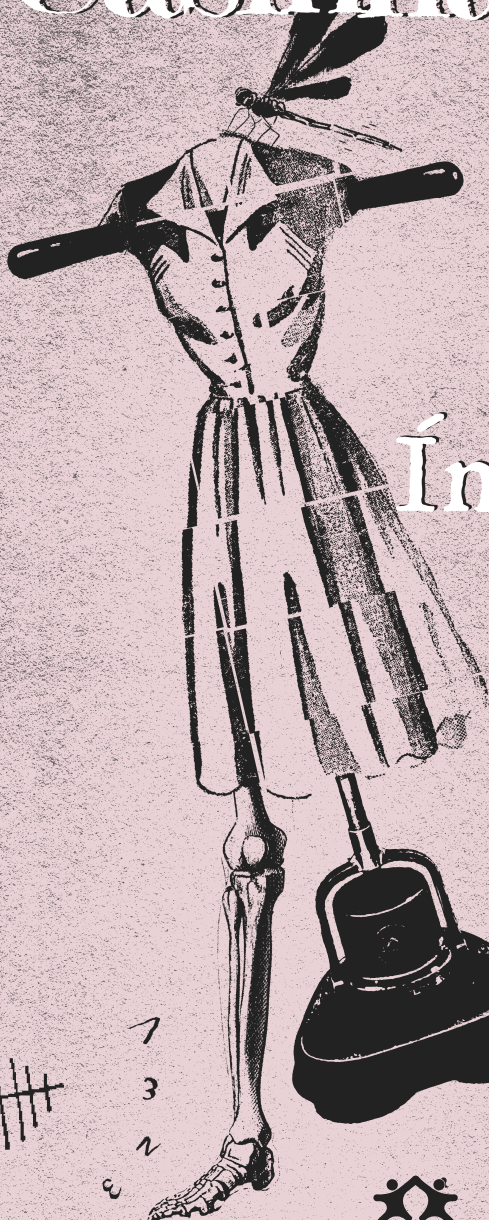


Brincadeira de Casinha

Índigo



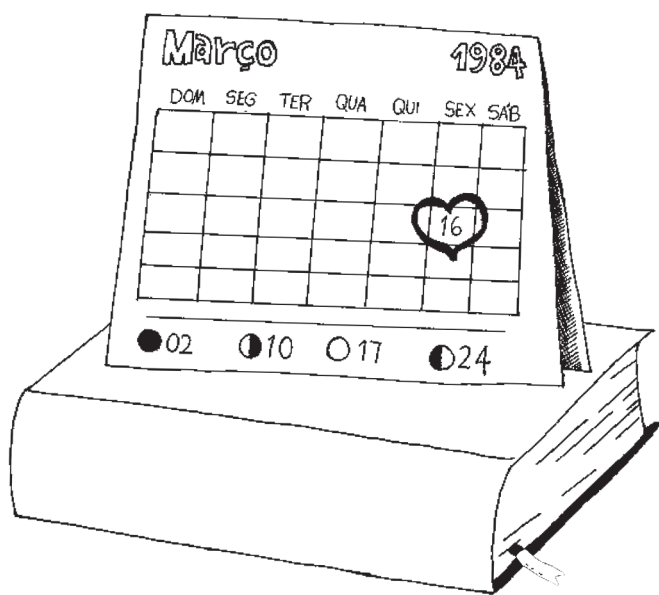
7
3
2
S



Ciranda Cultural

Brincadeira de Casinha

Índigo



Ilustrações:
Venes Caitano



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

I39b Índigo

Brincadeira de casinha / Índigo ; ilustrado por Venes Caitano. -
Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021.
192 p. : il. ; 15,5cm x 22,6cm.

ISBN: 978-65-5500-689-6

1. Literatura infantojuvenil. 2. Família. 3. Relacionamento. 4.
Sentimentos. 5. Convivência. I. Caitano, Venes. II. Título.

2021-720

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

Este livro foi impresso em fonte Proforma Light sobre papel Book Creamy 52g/m² [miolo] e papel-cartão triplex 250g/m² [capa] na gráfica Grafilar.



Ciranda na Escola é um selo da Ciranda Cultural.

© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto © Índigo

Ilustrações © Venes Caitano

Revisão: Ana Paula de Deus Uchoa, Paloma Blanca Alves Barbieri e Karina Barbosa dos Santos

Produção: Ciranda Cultural

1ª Edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

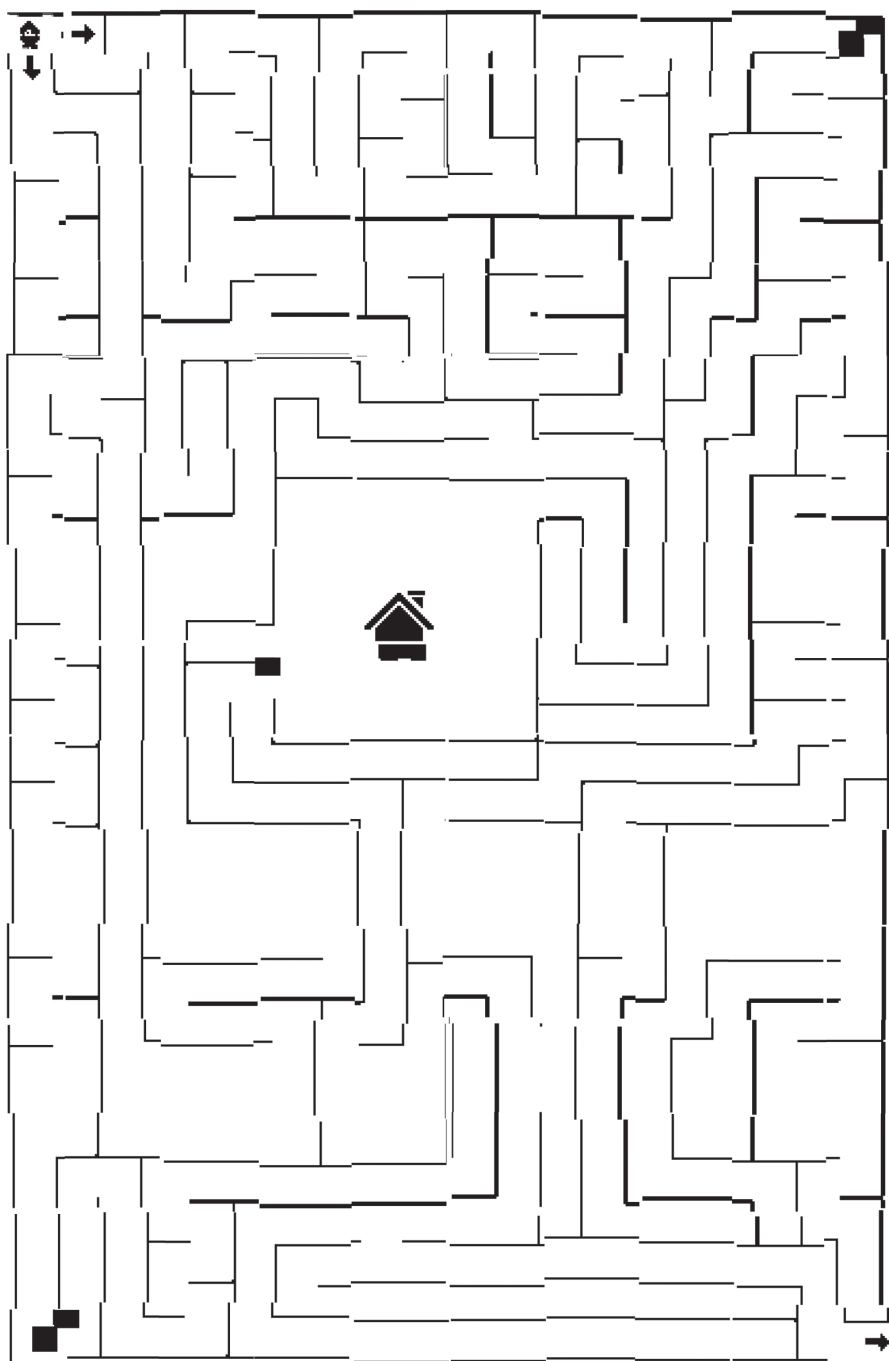
“Para Andrea, Ivana e Zezé.
A consequência da nossa brincadeira!”





A história que você vai ler a seguir aconteceu numa época em que não existiam celulares ou internet. As únicas pessoas com quem conseguíamos interagir eram aquelas presentes na nossa frente, em carne e osso. Não havia holografias. Não havia a possibilidade de bloquear amigos ou sair de grupos. No mundo de então, você era obrigado a conviver com pessoas que não tinham nada a ver com você. Não havia escapatória. Não havia emojis. Se você quisesse se comunicar, tinha que abrir a boca e expressar, com palavras, o que estava pensando.

Bem-vindo a 1984.



A SOLUÇÃO PARA O QUE FAZER COMIGO

Meus pais precisavam de um lugar onde pudessem me deixar depois da escola. Foi assim que dona Generosa entrou na minha vida. Ela não era exatamente amiga dos meus pais. Era avó do João, um menino esquisito da minha classe com quem eu nunca tinha conversado, e nem pretendia. Tudo que eu sabia sobre o João é que ele tinha asma e morava com a avó num sobrado que ficava a quatro quarteirões do Coração de Jesus. João e eu poderíamos ir andando para lá após a aula. Eu passaria a tarde num lugar seguro e familiar, e minha mãe ou meu pai me buscaria no fim da tarde. Então estava decidido.

Minha mãe tinha acabado de conseguir o emprego dos seus sonhos num prestigiado escritório de advocacia. Agora ela tinha uma pasta de couro cheia de comparti-

mentos para os documentos importantes e elastiquinhos para encaixar as canetas. Seu novo corte de cabelo era supermoderno, com franjinha e repicado atrás. Os saltos dos seus sapatos ficaram mais altos e ameaçadores. Ela comprou uma bolsa vermelha reluzente que combinava com a pasta de couro.

À noite, minha mãe já não podia ficar assistindo a filmes comigo. Em vez disso, passou a estudar o que ela chamava de “processos”. Eu observava a maneira como ela fazia anotações em textos imensos, de vez em quando soltando um comentário do tipo “interessante...”, sem se dar conta de que estava falando sozinha.

Embora eu estivesse feliz por ela, não fazia ideia do que ia ser de mim.

Sou filha única e me encontrava naquele momento da vida em que as bonecas já haviam sido despachadas para a última prateleira da estante, onde permaneciam alinhadinhas uma ao lado da outra, como uma lembrança da infância que ia ficando para trás. Brincadeiras de casinha não me interessavam mais. Preferia ler romances, ouvir música no meu Walkman ou ficar deitada na cama imaginando meu futuro com todas as suas possibilidades e revelações.

Por tudo isso, não fiz nenhuma objeção ao acordo firmado com a dona Generosa. Concordei em passar as tardes na casa da avó do João. Meu pai ao menos teve a sensibilidade de perguntar, uma segunda vez, se estava tudo bem mesmo, se eu me sentia à vontade com a combinação.

Fui enfática e garanti que estava tudo bem. Devo ter inspirado muita confiança, pois eles realmente deram o assunto por resolvido.

Depois disso, não tive coragem de voltar atrás e, até hoje, nunca contei a ninguém o que aconteceu comigo durante aquelas tardes na casa da dona Generosa.



NA CASA DA DONA GENEROSA

Passei a manhã toda pensando numa maneira de abordar João e perguntar se ele sabia que depois da aula eu iria para a casa dele. O problema é que eu nunca tinha trocado uma palavra com João. Ele era um estranho para mim, e eu não conseguia me aproximar. Quando minhas amigas me perguntaram o motivo de eu estar tão quieta, também não consegui responder. Preferi não comentar com ninguém e adiar a situação até que não tivesse mais jeito.

Ao final da aula, esperei minha mãe no portão da escola. Ela chegou pontualmente e me perguntou onde João estava. Aquilo me deixou confusa, pois até esse dia ela sempre me cumprimentava com um animado “oi, filhota!”.

– Cadê o João? – ela quis saber ao abrir a porta do carro para eu entrar.

Avistei João caminhando em direção à casa da avó, quase na esquina. Apontei para a frente. Minha mãe acelerou o carro antes mesmo que eu tivesse fechado a porta do passageiro. Por um triz não bateu no carro que vinha pela esquerda.

– Desculpa, filha. Tenho uma audiência hoje à tarde.

Então ela perseguiu o garoto como se ele fosse um fugitivo. Disparou a buzinar, gritando o nome dele, com a cabeça para fora da janela do carro. João demorou para olhar, e minha mãe teve de gritar repetidas vezes, cada vez mais alto, até emparelhar com ele e mandá-lo entrar.

– Entra, Joãozinho – ela disse. – A tia vai levar vocês hoje.

João não entrou no carro. Ficou parado no meio-fio, olhando para nós duas como se fôssemos uma dupla de loucas varridas. Um carro passou por nós xingando minha mãe porque, embora o sinal estivesse verde, ela tinha parado em cima da faixa de pedestres e esperava que João entrasse.

– Entra, querido! – minha mãe insistiu.

Em seguida, ela virou para outro motorista que estava buzinando atrás e acenou com o braço, indicando que era para ele passar. João entrou no banco de trás e bateu a porta, sem dizer uma palavra.

Durante o trajeto pelos quatro quarteirões seguintes, minha mãe explicou o acordo para ele, num tom muito feliz.

– Você e a Cacá vão poder passar a tarde toda brincando de casinha – ela disse, e complementou –, né, Cacá?

Ficamos mudos.

Minha mãe seguiu tagarelando, louvando elogios à minha pessoa. Disse que João e eu ficaríamos superamigos

porque eu era uma menina divertida e fofa. Pelo espelhinho retrovisor, vi os olhos de João fixados em mim, com uma mistura de ódio e pavor.

Quando chegamos ao destino, ela não saiu do carro. Deu duas buzinazinhas no estilo bi-bi e disse que voltaria depois das cinco para me buscar. Dona Generosa abriu a porta da frente, mas também não saiu para a rua. Minha mãe acenou um “oi”, e dona Generosa acenou de volta. João entrou na casa sem se despedir da minha mãe. Eu fiquei parada na calçada, observando o carro se afastar e virar a esquina. Esperei mais um bi-bi para mim, mas o bi-bi não veio. Quando me virei para a casa, dona Generosa já tinha entrado. Havia largado a porta aberta. De onde eu estava, não dava para enxergar dentro. A escuridão do interior me lembrou as entranhas de uma criatura mítica. A porta era a mandíbula.

Sem alternativa, entrei.

Era uma típica casa de gente velha, com tudo bem arrumadinho e fora de moda, cheia de nichos com objetos que não combinavam entre si. Um coelho de louça, um cacho de uva composto por pedrinhas roxas, um quadro de uma paisagem campestre, um vaso de porcelana branca com flores azuis sobre um movelzinho de pernas finas e longas. Num canto da sala, uma cristaleira antiga, com aspecto delicado e periclitante. Dentro, uma coleção de xícaras de porcelana, cada uma de um modelo diferente, e pequenas tacinhas de licor. Nos braços do sofá, havia toalhinhas de crochê e, na poltrona, algumas almofadas de veludo que, em algum momento do passado, podem ter sido conside-

radas elegantes. Ao lado da poltrona, também havia uma cesta de palha com novelos de lã e agulhas de tricô; e ao seu lado, um encosto para os pés, com uma manta de lã dobrada e um par de pantufas encardidas em cima.

Senti um delicioso cheiro de comida e ouvi barulhos vindo da cozinha. Passei pela sala e segui por um corredor. Uma elegante escada de madeira levava ao piso superior. Ao final do corredor, avistei uma cozinha revestida com azulejos de tom amarelo-ovo e armários amarelinhos com puxadores brancos. Dona Generosa pingou um pouco de caldo de feijão na palma da mão para provar. Fez cara de quem aprovou.

– Entra, filha – ela disse, puxando uma cadeira.
– Come.

Sentei-me à mesa. Ela mandou que eu fosse lavar as mãos. Quando voltei do banheiro, havia um prato de comida em cima da mesa.

– Come. Vou chamar o João.

De novo eu me sentei à mesa e fiquei esperando que os dois voltassem para dar a primeira garfada. Havia mais comida no prato do que eu achava que daria conta de comer. Mas o cheiro estava muito bom. Arroz com feijão em cima, purê de batata e panquecas com molho de tomate. Numa travessa em cima da mesa, uma salada de cebola, sem tomate ou alface, apenas cebolas, do jeito que eu gosto. Mas os dois não voltaram e eu não soube o que fazer. Na parede adjacente à mesa, havia um calendário com a foto de dois gatinhos brancos, de olhos azuis, numa cesta de vime. Também reparei no fogão imenso de seis bocas,

com panelas em cima e a geladeira de modelo antigo. Tudo na casa parecia antiquado, como se eu tivesse voltado para um passado bem longínquo. Provei um pouco do purê de batata com molho de tomate. Era melhor ainda do que eu tinha imaginado e tive de me controlar para não começar a comer antes que os donos da casa voltassem. Depois de um tempão, dona Generosa voltou sozinha.

– Não gostou da minha comida? – perguntou.

Respondi que estava esperando por ela e João para comer. Ela pegou meu prato e enfiou no micro-ondas.

– Agora vai ter que comer requentado – resmungou.

Quando perguntei por João, ela disse que ele ia almoçar na edícula. De novo, ela botou o prato na minha frente, agora fumegante.

– Come – ela disse.

Em seguida, ela montou um prato idêntico ao meu, botou numa bandeja e saiu para o quintal. Comi sozinha e, ao contrário da primeira garfada, senti que a comida tinha perdido um pouco do sabor. Depois que terminei, lavei meu prato e os talheres. Estava enxugando a louça, quando dona Generosa entrou na cozinha e arrancou o pano da minha mão.

– Não é assim que faz! – ela disse.

Pedi desculpas, sem entender o que eu tinha feito de errado.

Dona Generosa me conduziu até a sala. Num canto, havia uma escrivaninha dessas que se encontra em antiquários. Bastou uma olhada para saber que nunca tinha sido usada como escrivaninha de fato. Em cima dela, tinha uma seleção de porta-retratos. Num deles, um casal jovem

e sorridente segurava um bebê. Rapidinho, dona Generosa recolheu todos os porta-retratos e puxou um banco.

— Pronto, pode estudar aqui.

Saiu e fechou a porta.

Nessa primeira tarde, estudei com concentração máxima, como não estudava havia tempo. O silêncio era absoluto. Nenhum chiado, nenhuma música, não ouvi sequer barulho de passos. Era como se eu estivesse numa casa fantasma.

Não havia televisão na sala, tampouco estantes com livros que poderiam me interessar. Havia uma Bíblia, biografias de santos e um atlas. O sofá de estofado verde-musgo me pareceu tentador para uma soneca. Porém, sabia que naquele ambiente eu não conseguiria relaxar. Cheguei a pressentir que, se eu espiasse de canto de olho, corria o risco de avistar uma pessoa sentada na poltrona, e não seria uma pessoa de carne e osso. Por isso não tirei os olhos do caderno um minuto. Depois de terminada toda a lição, sem ter mais nada para fazer, abri o atlas e fiquei olhando os mapas de continentes distantes, com seus desertos, fronteiras pontilhadas e mares de nomes poéticos. Passei a tarde sentada no banquinho duro de madeira, sem coragem de sair do lugar. Quando minha mãe voltou, às seis e pouco, dona Generosa abriu a porta da sala e cantarolou:

— Sua mãe chegou...

Ela passou o braço pelo meu ombro e me acompanhou até o carro como se fôssemos boas amigas. Minha mãe não saiu do carro, apenas acenou um "oizinho". Então dona Generosa me deu um abraço inesperado. Ela apertou minha cabeça de encontro aos seus peitões, e eu fiquei sem

entender nada. Estava morrendo de vontade de fazer xixi, mas, durante a tarde todinha, não tive coragem de sair da sala e descobrir onde era o banheiro. Só ali, com a cabeça pressionada contra os peitos dela, eu me perguntei por que tinha passado por aquele sufoco a tarde toda. Ela era rechonchuda e o abraço era gostoso de um jeito que me deu vontade de chorar. Em vez disso, senti o xixi escorrendo pelas minhas pernas. Nesse ponto ela me largou, acenou um "tchauzinho" para a minha mãe, entrou e fechou a porta da casa. Minha mãe chamou meu nome e eu voltei a mim. No trajeto de volta para a minha casa, quando minha mãe perguntou se eu estava sentindo um cheiro estranho no carro, respondi que não. Ela abriu os vidros, fechou os vidros, conferiu a sola dos seus sapatos e comentou que parecia cheiro de xixi. Eu me fiz de desentendida.

No segundo dia, a rotina se repetiu, com a diferença que João e eu voltamos a pé da escola. Ele disparou na minha frente, andando apressado, sem olhar para trás. Chamei seu nome, pedindo que esperasse por mim, mas ele atravessou a rua. Então eu o deixei ir na frente e segui mantendo distância. Ele estava tão desesperado para se afastar de mim que no último quarteirão tive de dar uma corridinha para não perdê-lo de vista. Mesmo assim, ele conseguiu alcançar a casa antes de mim. Apertou várias vezes a campainha feito um maluco. Quando dona Generosa abriu a porta, João passou correndo por ela. Escapou do cafuné que ela tentou fazer em seus cabelos. Da calçada, acenei um "oi". Dona Generosa não respondeu. Virou-se e foi atrás do neto, largando a mandíbula aberta para mim.



Num tempo antigo, quando internet é coisa de ficção científica, Cássia vive tardes de tédio e solidão na casa de Dona Generosa.

Quem é Dona Generosa? Você pergunta.

A avó do João.

E quem é João? Você pergunta.

Um menino tímido que está na mesma classe de Cássia. Os dois não se falam, mas é para a casa dele que Cássia vai todas as tardes, depois da escola.

Nesse cenário nada animador, Cássia encontra um conforto secreto brincando de casinha enquanto explora o estranho ambiente. O problema é que ela se empolga na brincadeira e acaba se apaixonando de verdade por João, seu marido imaginário.

Cássia sofre, briga com a sogra, passa a vigiar o marido e descobre que tem um filho!

E isso é apenas uma pincelada do que acontece quando uma inocente brincadeira de casinha é levada às últimas consequências.

PROAC
PROGRAMA DE
AÇÃO CULTURAL
SÃO PAULO
EDITAIS

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa


SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO



Ciranda Cultural

Lote 0000011796

ISBN 978-65-5500-689-6



9 786555 006896

IMPRESSO NO BRASIL